

Pagamentos globais e a Swift

Circo de tarifas de Trump pode ter sérias repercussões não apenas sobre o dólar como moeda global, mas também sobre os pagamentos internacionais

Por Jairo Saddi

Valor, 05/05/2025

Fundado em maio de 1973, na Bélgica, o Swift (acrônimo de Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication) é uma sociedade cooperativa, originalmente criada por 239 bancos de 15 países, com o objetivo de processar transações de pagamentos internacionais. Não é, como muitos pensam, um sistema de pagamento, mas, sim, um sistema de mensageria que provê a infraestrutura por meio da qual os pagamentos são realizados.

Atualmente, o Swift conecta mais de 11 mil instituições financeiras em 200 países e processa mais de 32 milhões de mensagens por dia, sendo responsável por quase metade dos pagamentos cross-border (transfronteiriços), dos quais 88% são feitos em dólar, a moeda americana.

Mesmo com tarifaço, acordo com UE precisará de muito 'convencimento'

O Swift não mantém recursos nem funciona como uma clearing. Ou seja, diferentemente de uma bolsa de valores ou de mercadorias, que pode ter contrapartes, o Swift é uma espécie de arranjo privado para facilitar pagamentos globais e reduzir os custos de transação no comércio internacional. Em sua governança, há um corpo de diretores que, de forma rotativa, representa relevantes instituições financeiras de diversos países.

Tudo que o novo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, está fazendo com seu circo de tarifas - especialmente em relação à China - pode ter sérias repercussões não apenas sobre o dólar como moeda global, mas também sobre os pagamentos internacionais. Recentemente, o Banco Popular da China anunciou que seu sistema de liquidação de pagamentos será em renminbi digital (RMB) ou yuan chinês, inteiramente

digital e totalmente conectado aos dez países do Asean (Sudeste Asiático) e a seis países do Oriente Médio - o que representa 38% do volume do comércio mundial. Isso significa, ainda, que essas transações não serão mais liquidadas via sistema Swift, majoritariamente lastreado em dólar.

Já se discute se o renminbi digital ameaça o status do dólar e o chamado “privilégio exorbitante” dos EUA

Fora questões políticas mais urgentes, o Swift leva, hoje, de 3 a 5 dias para que credores e devedores liquidem suas obrigações. Já o sistema chinês promete reduzir esse tempo para apenas 7 segundos - e a diferença está, como já mencionado, no uso de moedas digitais estatais. Os fundos não passam por bancos intermediários: são recebidos, creditados e debitados em tempo real, como um “Pix internacional”. Considerando apenas 2024, houve um aumento de 120% nas transações de comércio exterior envolvendo o RMB em comparação com 2021, e suas reservas cambiais já estão presentes em mais de 40 países da Ásia.

É evidente que ainda se trata, como afirma a revista “The Economist” (“How a dollar crisis would unfold”, 19/04/2025), de uma questão de confiança na abstração da moeda, de um lado, e de desdolarização, de outro. Nos EUA, discute-se se a moeda digital ameaça o status do dólar americano e o chamado “privilégio exorbitante” - já que apenas o governo dos EUA pode emitir dólar. A guerra tarifária de Trump promete trazer mudanças nesse cenário: a fatia das reservas globais denominadas em dólar caiu de 73%, em 2001, para apenas 58%, em 2024. Muitos argumentam que os demais países precisam diversificar suas reservas, o que pode resultar em um mundo com blocos monetários concorrentes, gerando mais barreiras ao comércio e menor eficiência.

Outros acreditam que haverá, inevitavelmente, grandes transformações. William Murphy, um futurólogo, afirma que a tecnologia blockchain usada pela China no RMB digital torna as transações rastreáveis, possibilitando o controle da lavagem de dinheiro. Segundo ele, a China e a Indonésia, por meio do projeto Two Countries, Two Parks, utilizam o RMB digital para pagamentos cross-border em apenas 7 segundos - 100 vezes mais eficiente que o Swift. Essa tecnologia já está em teste com 23 bancos centrais. Traders de energia no Oriente Médio relatam uma redução de até 75% nos custos de transferência cambial.

Ainda assim, talvez seja cedo para a China declarar vitória. Há cerca de US\$ 32 trilhões circulando nos mercados financeiros americanos, e o PIB per capita na China é de US\$ 15 mil, enquanto nos EUA é de US\$ 85 mil. Nos últimos 80 anos, o dólar foi o rei absoluto dos mares cambiais, e, segundo a mesma publicação, não há um sucessor óbvio, como houve com a libra antes da Primeira e da Segunda Guerra.

A Europa poderia criar um novo sistema global de pagamentos? Ninguém acredita nisso. A Alemanha, maior player da região, movimenta cerca de US\$ 3 trilhões por ano - menos de 10% do volume dos EUA - e suas reservas representam apenas 2% das do Federal Reserve. A Inglaterra, outrora potência mundial, não tem hoje nem a pretensão nem a capacidade econômica para essa tarefa. A França, imersa em questões internas, também não é candidata à liderança.

Alguns argumentam que a China poderia formar parcerias e internacionalizar um novo sistema global de pagamentos, já que a aceitação universal é chave para o sucesso de qualquer moeda. No entanto, a China ainda mantém controle cambial rígido e pouca disposição para liberalizar seu sistema. Seus bancos também carecem de transparência e ainda passam por processos de depuração de ativos. Mesmo assim, há notícias de que estão realizando swaps de linhas para retaliar os EUA e reduzir a dependência do Swift.

A “The Economist” não acredita que o yuan - ou sua versão digital - tenha chances reais, no curto prazo, de superar o dólar ou de transformar o sistema global de pagamentos em algo que não esteja centrado na moeda americana. Dito isso, seja por design ou por acidente, é natural que os países busquem alternativas econômicas e viáveis ao sistema atual.

Jairo Saddi é advogado em São Paulo. Escreve mensalmente, às segundas-feiras.